

BAGDÁ

7 dias na metrópole mais perigosa do mundo

O REPÓRTER DE ZH RODRIGO LOPES DESEMBARCOU NO IRAQUE EM 9 DE MAIO PARA MOSTRAR A VIDA EM UM LUGAR MARCADO PELA MORTE. DURANTE A SEMANA DE VIAGEM, 172 PESSOAS MORRERAM NO PAÍS, VITIMADAS EM ATENTADOS TERRORISTAS E EM CONFLITOS DO EXÉRCITO CONTRA O ESTADO ISLÂMICO (EI). NESTA REPORTAGEM, PERCORREMOS AS RUAS DA CAPITAL, CONVERSAMOS COM SEUS MORADORES E EMPREENDEMOS A PRIMEIRA INCURSÃO DE UM JORNAL BRASILEIRO A RAMADI, CIDADE QUE FICOU OITO MESES SOB O DOMÍNIO DO EI.

A mensagem via WhatsApp chega ao smartphone da iraquiana Rafaela Al-Hamawi no final de tarde de **quarta-feira, 11 de maio**: “Há três atentados simultâneos em Bagdá hoje”. A garota de 26 anos, mechas vermelhas no cabelo desprotegido pelo hijab (o véu muçulmano), graduada em Literatura Inglesa, está em uma lanchonete do bairro Mansour, na margem ocidental do rio Tigre, a 30 minutos de cada um dos locais dos ataques. O dia de terror começou em Cidade Sadr, gigantesco bairro xiita, no nordeste, com 2,5 milhões de habitantes, e enclave da milícia Exército Mehdi. Um carro-bomba explodiu em uma feira livre: 66 mortos e 87 feridos. Depois, foi a vez de Kazimiyah: 17 mortos. E Jamea: 13 mortos. Noventa e seis mortos em um intervalo de três horas. Bagdá vive seu dia mais sangrento em 2016.

Penso imediatamente em Ali, o motorista de 34 anos que me acompanha desde que desembarquei, na **segunda-feira, 9 de maio**, em sua mulher, Ashjan, e na sua linda filhinha, Aya, que me receberam terça em Cidade Sadr, a poucas ruas do local do primeiro atentado. Penso em Sadeq, que tem um mercadinho próximo à feira explodida, e em seus filhos, Ahmad e Jaafar. Teriam os meninos, pela manhã, ido com a mãe comprar frutas e verduras para o jantar, como fazem todos os dias na maior favela do Iraque?

Alguns moradores de Bagdá reagem como Rafaela, anestesiados pela violência diária. Mas, em meu terceiro dia na capital iraquiana, compartilho da

dúvida que une os bagdalis a cada notícia de explosão patrocinada pelo autodenominado Estado Islâmico: onde eles estão? É o que questionam pais, filhos, maridos, mulheres, a mente dominada pelos rostos dos familiares que saíram para a rua de manhã e, por acaso do destino, podem ter se tornado vítimas em uma feira livre, na entrada de uma mesquita ou no centro da cidade, na saída do trabalho, locais convertidos em matadouros. Nessas horas, as mensagens inundam os smartphones.

- Infejar!
- Inta zain?
- Ihtam bnafsak!

“Explosão!”, “Estás bem?”, “Cuidado!”. Essas três mensagens parecem resumir Bagdá, a metrópole mais perigosa do mundo segundo o ranking anual da Mercer, consultoria com sede em Londres que mede a qualidade de vida em 230 cidades. Pela estatística, o Rio, por exemplo, está em 117º lugar, e São Paulo em 121º. A capital iraquiana tem 7,5 milhões de habitantes, cinco vezes mais do que Porto Alegre. Berço das primeiras civilizações – sumérios, no sexto milênio antes de Cristo, babilônios e assírios, entre outros –, foi epicentro de uma revolução agrícola entre os rios Tigre e Eufrates que permitiu ao homem deixar de depender exclusivamente da caça. Durante grande parte dos cinco séculos da dinastia Abássida, de 762 a 1258, Bagdá viu nascer Al-Khwarizmi, o matemático inventor da álgebra, Harun al-Rashid,

o califa imortalizado em contos de *As Mil e uma Noites*, astrônomo, poetas, médicos, músicos. Era um entreposto comercial que atraía mercadores da Ásia Central e do Atlântico, provocando inveja no restante do Oriente e no Ocidente.

Ao longo de seus mais de 13 séculos de história, Bagdá também enfrentou terríveis privações, enchentes – a última, em 2015, deixou mais de 80 mil desabrigados – e invasões estrangeiras que começaram muito antes da ocupação americana. O Iraque moderno surgiu em 1919, com o colapso do Império Otomano após a I Guerra Mundial. O rei Faiçal I foi coroado pelos britânicos como chefe de Estado, mas seu poder era simbólico. Com a revolta da população, tropas britânicas foram implacáveis: bombardeios aéreos, gás mostarda. O país participou da guerra árabe-israelense de 1948-1949, esteve na Guerra dos Seis Dias (1967) e na Guerra do Yom Kipur (1973). Com o fim da monarquia, em 1958, e o início da república, abria-se o caminho para a ditadura do Partido Baath, primeiro com Ahmed Hassan al-Bakr, de 1968 a 1979, e a partir de então com um dos mais sanguinários ditadores do século 20, Saddam Hussein.

Hoje, passados 13 anos da invasão americana que derrubou o regime acusado de dispor de armas de destruição em massa nunca encontradas, Bagdá é, por incrível que pareça, uma cidade com acesso livre a quase todos os locais. Você só não pode estar no lugar errado na hora errada.



VERSÃO DIGITAL
Em zhora.co/7dias-bagda,
veja vídeos, mapas e galeria de fotos

CARTÃO-POSTAL
A avenida Karada (ao centro) é uma das principais vias da cidade. À esquerda, o rio Tigre

O planejamento para esta viagem começou em 15 de fevereiro, quando ZH ingressou com pedido de visto de jornalista à embaixada iraquiana em Brasília. A solicitação passou por trâmites de um mês no Ministério das Relações Exteriores, em Bagdá, com mediação da embaixada do Brasil no Iraque e da Câmara de Comércio e Indústria Brasil e Iraque. Vivem oficialmente no país do Golfo Pérsico 32 brasileiros, mas o embaixador brasileiro Miguel Magalhães admite que esse número, na prática, deve ser menor. Muitos, nos últimos meses, foram embora por causa da guerra sectária entre xiitas e sunitas. A maioria dos que ficaram vive no Curdistão, região semiautônoma na fronteira com a Turquia. É quase como um país dentro de outro – com leis próprias, o Curdistão não exige visto de brasileiros. Essa facilidade leva a maioria dos jornalistas a acompanhar a luta contra o Estado Islâmico a partir de Erbil (veja, nas páginas 10 e 11, mapa do Iraque e do conflito com o Estado Islâmico).

Nossa ideia era diferente: mostrar Bagdá, a capital castigada diariamente por atentados terroristas do EI, o grupo extremista sunita gestado do atoleiro americano pós-Saddam e que apavora o mundo. Massacrado pela ditadura do partido Baath e vilipendiado por sucessivos conflitos (com o Irã, entre 1980 e 1988, a Guerra do Golfo, em 1991, e a invasão americana, em 2003), o Iraque não seduz pelo turismo. Empresas não fazem seguro de vida para quem viaja ao país. Quem desembarca no Aeroporto Internacional de Bagdá, chega, em geral, a trabalho. Meu visto de jornalista foi liberado em 17 de março. Um mês e meio depois, iniciava-se esta incursão de vida e morte no país dos carros-bomba.

ATENTADO! A CIDADE LHE DÁ BOAS-VINDAS

Aeroporto de Istambul, **segunda-feira, 9 de maio**. Falta menos de uma hora para a decolagem do voo TK0302 da Turkish Airlines. Espero sozinho na sala de embarque. “Quem escolhe o Iraque como destino?”, reflito, lembrando a risadinha da atendente no balcão do Aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre, quando respondi à pergunta habitual. São 22 passageiros no Airbus A-319 da Turkish com capacidade para 140. Todos adultos. Para chegar à capital iraquiana, as aeronaves singram espaços aéreos hostis: a rota segue pela Turquia e entra no Iraque pelo território do Curdistão, evitando o caminho mais rápido – e perigoso: o sobrevoo de parte da Síria dominada pelos terroristas, cruzando acima de Mossul, uma espécie de capital do EI no Iraque. Da janela do avião, vislumbro um cenário árido, uma imensa planície cortada por rios e lagos quase secos. O avião está a 11 mil metros de altitude. Calculo se o arsenal do EI contaria com um lança-foguetes terra-ar capaz de nos atingir.

O Aeroporto Internacional de Bagdá, que até 2003 chamava-se Saddam Hussein, é pequeno, com poltronas estofadas em cor de rosa desbotado e freeshop de prateleiras quase vazias. Nas raras lanchonetes, não há venda de bebidas alcoólicas – o consumo é proibido nas ruas por causa da religião islâmica, mas é possível comprar cerveja, uísque e vodca em lojas sem identificação no centro de Bagdá. Sou recebido na área de desembarque do



ALI KAHDEM
Motorista (ao lado da mulher, Ashjan, e da filha, Aya) morou nove anos em São Paulo



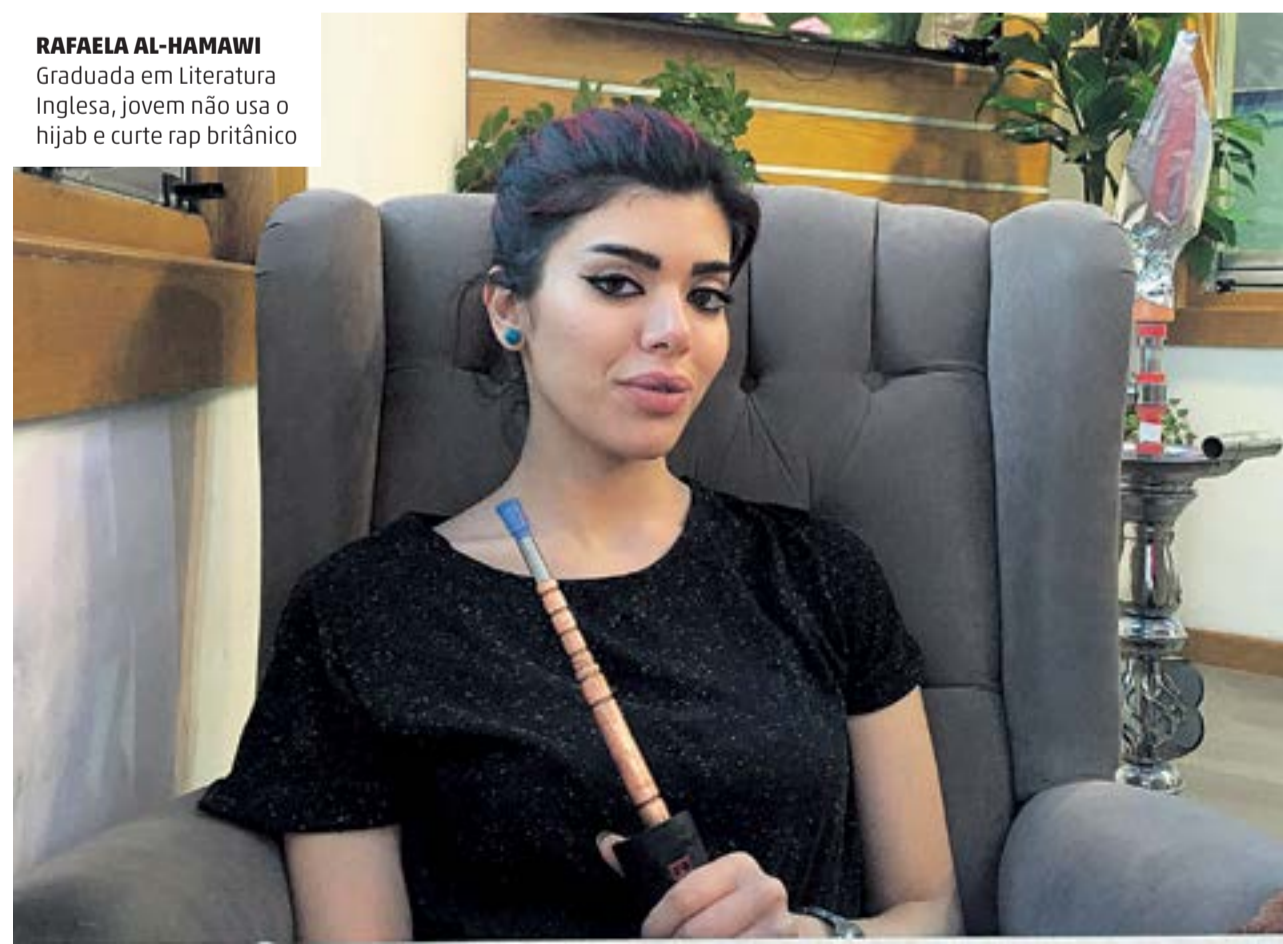
HALEMA ANBER
Durante a ocupação americana, foi uma das poucas a permanecer na Cidade Sadr



SADEQ HUSSEIN
Na Cidade Sadr, vende carne, queijo e leite importados do Irã. Da Turquia, vem frango



YEHIA RASOUL AL-ZULBEDY
General serviu de guia à primeira visita da imprensa brasileira a Ramadi



RAFAELA AL-HAMAWI
Graduada em Literatura Inglesa, jovem não usa o hijab e curte rap britânico



SADDAM HUSSEIN
Laboratorista quer trocar de nome. Para os amigos e familiares, chama-se Sabbah

aeroporto por dois seguranças da embaixada do Brasil. São ex-militares britânicos, veteranos dos conflitos no Afeganistão e no Iraque, que hoje prestam serviço a uma empresa privada.

– Em caso de emergência no caminho, siga nossas instruções – diz um dos homens, enquanto entramos no segundo de três carros do comboio.

Eu estava sendo apresentado às regras de sobrevivência de Bagdá. Um dos homens aponta no horizonte uma fumaça esparsa. Seria um carro-bomba?

– Provavelmente. Bagdá lhe dá as boas-vindas – ele responde.

Os dois seguranças estão armados com fuzis, pistolas e vestem colete à prova de balas. Inicia-se uma viagem de 25 minutos e pelo menos cinco checkpoints em que policiais e militares iraquianos observam o interior dos veículos em busca de suspeitos. As barreiras que tornam Bagdá uma cidade fatiada, descontinua, são insuficientes. Esses pontos de passagem, formados por um veículo blindado e três ou quatro policiais, são os preferidos do EI para atacar. Como os motoristas são obrigados a reduzir a velocidade, formam-se congestionamentos. Ao explodirem esses locais, os terroristas atingem maior número de carros. Fazem mais vítimas.

Eis, aliás, a segunda regra de sobrevivência em Bagdá: evite multidões. Os ataques costumam ocorrer com maior frequência às sextas-feiras, dia sagrado do Islã, depois das orações nas mesquitas. Pelo menos essa era a lógica até o ano passado. Evite aglomerações, evite sair às sextas e você ficará vivo, me diziam contatos iraquianos, antes de sair do Brasil. Mas as semanas recentes têm mostrado que o terror do EI em Bagdá não tem lógica: os carros-bomba explodem em qualquer lugar, a qualquer hora. Nos últimos meses, os ataques aumentaram. Os especialistas associam esse aumento aos avanços das tropas do governo na região central, em especial em Ramadi, cidade estratégica que foi arrancada das mãos do EI em dezembro. A situação é especialmente delicada porque o país atravessa uma grave crise devido ao rechaço dos blocos políticos à remodelação do governo. A maioria dos grupos, incluindo os curdos e sunitas, boicota reuniões do parlamento desde que, em 30 de abril passado, manifestantes, em grande parte seguidores do xiita Moqtada al-Sadr, invadiram o prédio. A paralisia oficial oferece uma oportunidade para o EI, que está tentando aumentar a instabilidade e aprofundar a guerra civil.

O medo de atentados faz motoristas como Ali fugirem de avenidas movimentadas em horários de pico. Na Karada, uma das principais de Bagdá, ele só trafega à noite ou cedo da manhã, quando o trânsito é menos intenso. Se há muitos carros, fica nervoso, prende a respiração, buzina para o motorista da frente andar.

– Nem minha família trago por aqui. Não vou levar você – diz Ali.

Para escapar de congestionamentos, ele toma a Avenida Abu Nawaz, que margeia o Tigre. A tensão é transferida ao passageiro. A cada tranqueira, suspiro, fico impaciente, torço, sinceramente, para que o veículo ao lado não seja um carro-bomba. Beira a neurose, eu sei. Mas Bagdá é uma cidade de neuroses.

– Aqui, matam por cabeça. Quanto mais cabeças, melhor para eles – afirma Ali.

CARTOGRAFIA CONFLAGRADA

Os mapas ao lado e a linha do tempo abaixo servem para situar o leitor no país que Zero Hora visitou. Uma nação em que ataques terroristas são diários, como provam os registros da semana de viagem

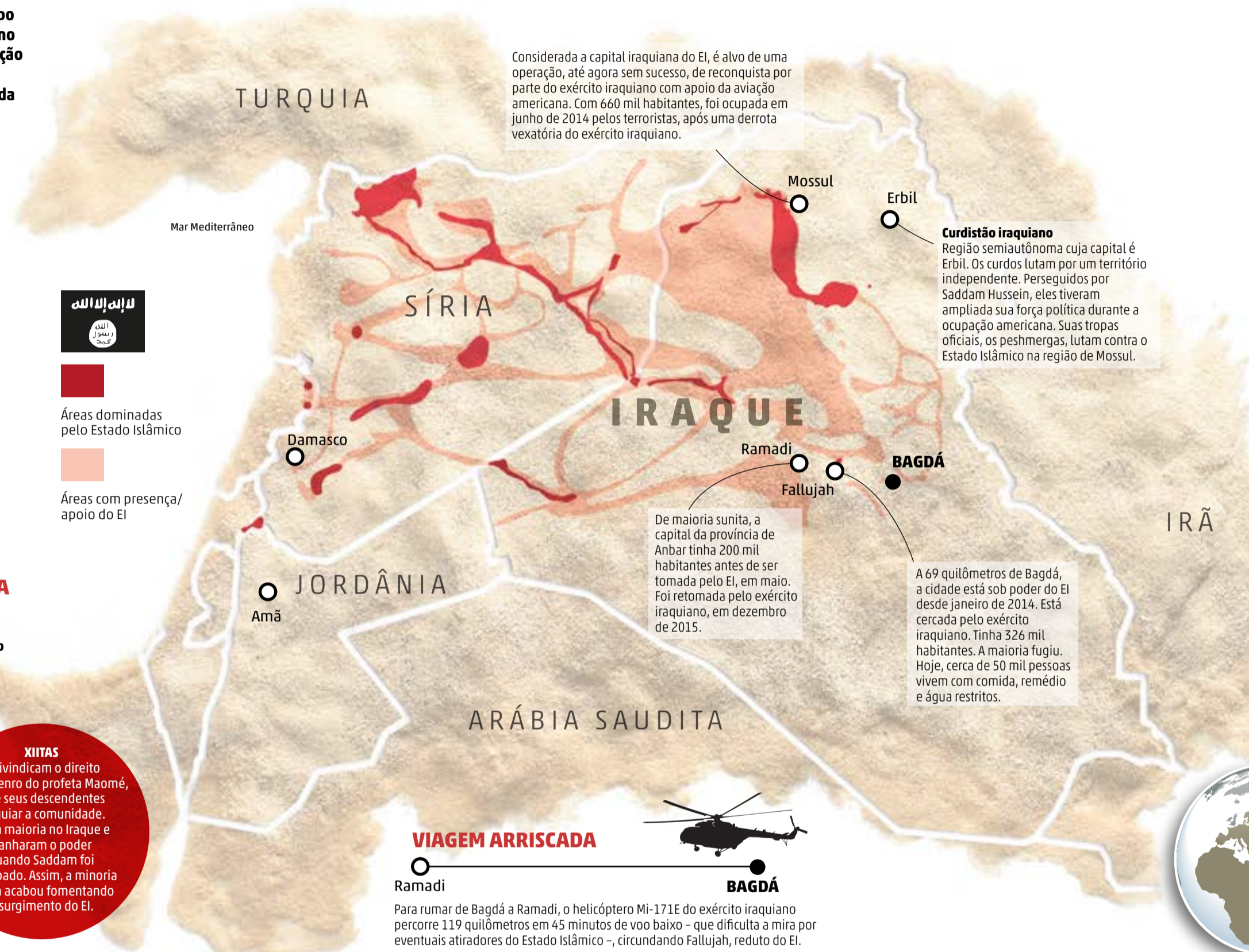
- 9/5**
3 atentados - 17 mortos
- 10/5**
2 atentados - 3 mortos
- 11/5**
3 atentados - 96 mortos
- 12/5**
2 atentados - 5 mortos
- 13/5**
3 atentados - 22 mortos
- 14/5**
3 atentados - 4 mortos
- 15/5**
3 atentados - 16 mortos

UMA GUERRA DE VINGANÇA

O conflito remonta à divisão entre sunitas e xiitas, duas correntes rivais do islamismo. A separação teve origem em uma disputa logo após a morte do profeta Maomé, no ano 632 d.C., sobre quem deveria liderar a comunidade muçulmana.

SUNITAS
Consideram-se o ramo ortodoxo do Islã. A palavra vem de "Ahl al-Sunna", ou "as pessoas da tradição". Estima-se que entre 85% e 90% dos muçulmanos no mundo são sunitas. Saddam Hussein era sunita, e os militantes do Estado Islâmico também são.

XIITAS
Reivindicam o direito de Ali, genro do profeta Maomé, e de seus descendentes de guiar a comunidade. São a maioria no Iraque e ganharam o poder quando Saddam foi derrubado. Assim, a minoria sunita acabou fomentando o surgimento do EI.



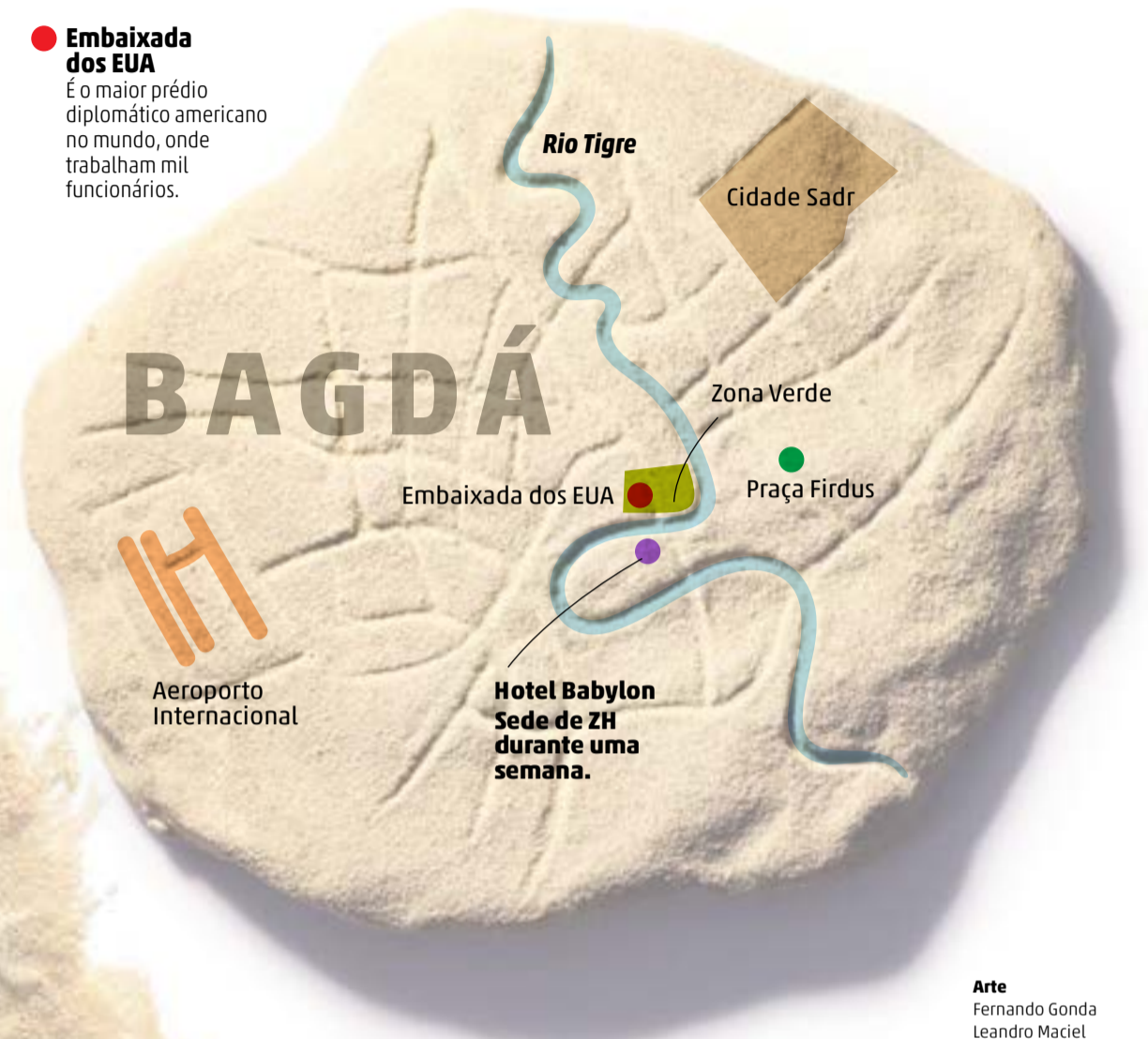
VIAGEM ARRISCADA

Ramadi BAGDÁ

Para rumar de Bagdá a Ramadi, o helicóptero Mi-171E do exército iraquiano percorre 119 quilômetros em 45 minutos de voo baixo - que dificulta a mira por eventuais atiradores do Estado Islâmico -, circundando Fallujah, reduto do EI.

A CAPITAL DO IRAQUE

Com 7,5 milhões de habitantes, Bagdá fica às margens do rio Tigre. Foi bombardeada intensamente na guerra de 1991 e durante a invasão americana em 2003. Apesar de nunca ter sido tomada pelo EI, vive o pesadelo diário dos carros-bomba.



- Aeroporto Internacional de Bagdá**
Antigo Aeroporto Internacional Saddam Hussein, o atual complexo é pequeno e antigo. Para chegar ao aeroporto por terra, é necessário passar por seis postos militares e de checagem de malas em raio-X. Há voos internacionais para as principais capitais da região.
- Zona Verde**
Superfortificada área criada em 2003 pelos EUA para ser a sede das administrações militar e civil. Era o coração do poder de Saddam Hussein - onde ficavam seus principais palácios e ministérios. Tem 10 quilômetros quadrados de área. Ainda hoje sedia os prédios governamentais.
- Praça Firdus**
Rotatória próxima aos hotéis Palestine e Al-Rashed. Aqui ficava a famosa estátua de Saddam Hussein, derrubada pelos americanos e iraquianos no momento da invasão, em 2003.
- Cidade Sadr**
Maior favela iraquiana, onde vivem 2,5 milhões de pessoas, a maioria muçulmanos de origem xiita. É uma região considerada rebelde, onde vigoram a lei e a ordem pelas mãos do líder religioso Moqtada al-Sadr, que comanda a milícia Exército Mehdi.





SHOPPING
O Mansour Mall tem lojas de grifes e de gadgets e estacionamento de diversões. Nos cafés, jovens costumam fumar narguilé



Sadeq tem no centro da sala, logo acima da TV LCD, a foto do pai, Hussein (morto há dois anos). No canto entre as duas paredes, a imagem do imã Ali, um dos patriarcas do ramo xiita. Todos os anos, ele vai a Karbala ou Najaf, cidades sagradas do xiismo. No tempo de Saddam, a polícia agredia os peregrinos. Hoje, isso não acontece, garante.

Após servir o jantar aos homens da casa, a irmã de Sadeq, Samera, professora de engenharia em uma faculdade pública, junta-se a nós. Elogio o comportamento das crianças na sala. Além de Sadeq, dos meninos Ahmad e Jaafar, me acompanham com olhos curiosos as filhas de Samera, Zahra e Marem. Entusiasmado com a visita fora de hora, Jaafar se oferece para fazer uma foto minha com a família.

– Na época do Saddam não tinha nada disso, tecnologia, celular, smartphone – diz Samera.

Internet também era restrita a prédios militares e do governo. Hoje, a maioria das casas tem wifi, mas a rede de dados é lenta e sofre interrupções ao longo do dia. As condições de vida do cidadão comum melhoraram. O salário de Samera foi reajustado. Mas os produtos nos mercados, também:

– A gente ganha aqui, mas gasta ali na frente. A família sente falta da segurança que a ditadura trazia. Hoje, o país está dividido entre sunitas e xiitas. Não podemos confiar em ninguém. Mesmo tendo liberdade de pensamento, com garantia de que não seremos punidos pelo governo por falar o que pensamos, prefiro não falar – diz Samera.

Ela teme vizinhos, conhecidos: – Não vivemos felicidade. Nossos pais viveram. Felizes foram eles. Depois, foi guerra e guerra.

Pelo WhatsApp, recebo a confirmação de que o exército iraquiano aprovou minha incursão a Ramadi. Sinto um misto de euforia e preocupação.

– Cuidado com snipers do Daesh – alerta Ali. – Eles miram e acertam de longe.

Despeço-me da família, e, na volta para o hotel, Ali pergunta se quero ir pela Avenida Karada ou pelo acesso alternativo, como na noite anterior. Prefiro o

mais seguro. E me permito brincar: – Vou para Ramadi e estou com medo dessa rua. – É, amigo... Lá, você sabe onde está o inimigo, aqui não. Ele pode estar em qualquer lugar – observa Ali.

DEDO NA GARGANTA EVIAGEM CANCELADA

Madrugada de 11 de maio, quarta-feira. A confirmação da ida a Ramadi rouba o sono. Diante do alerta sobre os snipers, tento me tranquilizar: eles não colocariam um repórter estrangeiro em risco. O custo seria alto. Ou, na verdade, podem não estar nem aí se mais um jornalista morrer no front. Foram 174 profissionais de imprensa mortos no Iraque desde 1992, segundo o Comitê para a Proteção de Jornalistas. Reconforta-me saber que um general iraquiano irá comigo. Não arriscariam a cabeça – literalmente – de um oficial de alta patente.

Acordo às 6h. Tomo banho. Questiono-me várias vezes se estou tomando a decisão correta de ir ao front. Visto pela primeira vez o colete à prova de balas que trouxe na mala. Avalio se os pontos vitais do meu corpo podem ter ficado de fora da proteção. Parto rumo à principal base aérea iraquiana, localizada ao lado do aeroporto de Bagdá. Estamos em um jipe do exército iraquiano – um alvo potencial para terroristas. No rádio, Rihanna canta *Diamonds*.

Chegamos às 8h40min na sede da base, e sou levado a uma sala VIP, dos oficiais. Voltamos 30 anos no tempo – as cadeiras de madeira com dourado, a bandeira do Iraque e a água, símbolo do exército iraquiano (e também um dos símbolos dos EUA).

– Bonita sala – elogio, tentando ser simpático. Um militar quer que eu tire uma foto sentado ao lado da bandeira do Iraque. O general avisa:

– Partimos em 15 minutos. Isso seria às 9h. São 9h30min e ninguém dá explicação para o atraso. O general fala poucas palavras em inglês. Seu telefone toca toda hora. São 10h. Impaciente, pergunto:

– Algum problema? – Não, só a meteorologia. Em 30 minutos, devemos decolar – responde o general.

Às 11h20min, eles resolvem oferecer ovo frito com pão. O general e outros oficiais conversam muito à mesa. Após a refeição, adormeço na cadeira. Às 14h, o general anuncia que o helicóptero está vindo. Em 15 minutos. A essa altura, já havia despedido o colete balístico – decido que voltaria a vesti-lo apenas quando o aparelho pousar. Era verdade: o helicóptero chegou. A temperatura beira os 42°C. Embarcamos correndo no Bell UH-1 Huey.

– Presente dos americanos – anuncia um oficial. O helicóptero, do mesmo modelo utilizado no Vietnã pelos EUA, deve ficar pouco tempo pousado. Na periferia de Bagdá, está mais vulnerável a ataques. Um soldado afivela meu cinto rapidamente. O trambolho voador, lento para quem olha de fora, extremamente barulhento para quem sacoleja dentro, decola rumo a Ramadi. Voa baixo. Os artilheiros, munidos de metralhadoras, buscam possíveis alvos no solo. Do alto, Bagdá está silenciosa, quase nenhum carro em movimento. A qualquer momento, imagino, pode sair um terrorista com um RPG no ombro e mirar no helicóptero.

Com 20 minutos de voo, o piloto vira-se para o general e passa o dedo indicador de forma transversal na garganta, como se tivesse sido degolado. Percebo o sinal como “abortamos a missão”. O general confirma com a cabeça. E faz sinal com os dedos de que está difícil enxergar à frente. Para mim, o céu azul está incrivelmente claro. Descemos, e sou informado de que houve um atentado em Cidade Sadr, onde estive no dia anterior. Só consigo acesso à internet uma hora depois. No WhatsApp, 53 mensagens a minha espera. A maioria de amigos e familiares:

– Tá vivo? – Cara, tu tá bem? – Tudo bem aí???? Vi que teve atentado em Bagdá. Três mensagens que poderiam resumir onde me meti.

A NOVA GERAÇÃO PÓS-GUERRA

Três horas depois de tranquilizar minha família, via WhatsApp, encontro um grupo de jovens de classe média.

– Aqui, tens que morar com os pais até casar. Ou ir para outro país.

A frase de Rafaela Al-Hamawi ilustra um pouco do modo de vida da juventude iraquiana. É **quarta-feira, 11 de maio**, e estamos no Mansour Mall, um shopping de três andares no bairro Mansour, margem ocidental do Tigre. Para entrar no prédio, é preciso passar por revista. Homens e mulheres separados. Dentro, é como um shopping ocidental. Há lojas de grifes de roupas, gadgets que ainda não chegaram ao Brasil. Há uma bela cafeteria, inspirada na rede americana Starbucks, com um café delicioso. Marco um encontro com uma turma de Mansour. Rafaela chega acompanhada de Mohamed e Ali Barakat. No carro, toca sucessos do rapper britânico Tinie Tempah e do americano DJ Mustard.

– Eu gostava de pop, mas ele (*Mohamed*) me fez curtir rap. Agora, não consigo ouvir outra coisa – diz Rafaela. Barakat prefere os britânicos do Mumford & Sons e os irlandeses do Snow Patrol. Rafa adora dançar nas festas, todas em casas de amigos:

– Fico louca. Com mechas vermelhas, a garota destoa das jovens iraquianas. A começar por não cobrir o cabelo com o hijab. Usou o lenço por 10 anos – dos 15 aos 25 – por respeito à família.

– No ano passado, pintei o cabelo de cinco cores diferentes – sorri. É filha de um engenheiro elétrico que estudou na Europa e de mãe funcionária pública, ex-supervisora dos palácios de Saddam. A mãe viu o presidente apenas uma vez, “só de longe”.

Rafaela trabalha em uma empresa que presta serviços de *manager* de corpos diplomáticos.

Planeja fazer mestrado no Reino Unido. Quando houve a invasão, em 2003, ela fugiu com a família para Damasco, na Síria. Lá, graduou-se em Literatura Inglesa. Retornou em 2013. A guerra com os EUA havia passado. Tinha início o atoleiro interno. Todos à mesa conhecem alguém que morreu em guerras.

Jovens iraquianos vão a shoppings, frequentam cafés. Quase todos fumam narguilé. Poucos restaurantes vendem álcool. Mas eles compram e consomem em casa, em festas particulares. Rafaela diz que prefere não beber, mas não é por religião.

– Não quero me expor. Rafaela teve um único namorado “oficial”, com o qual ficou durante seis meses. Já Ali Barakat, 22 anos, disse que teve três namoradas.

– Agora você está sozinho? – pergunto. – Sozinho não. Livre – responde Barakat, que não pensa em casar.

Ele quer, dentro de um ano, fazer intercâmbio na Austrália. Estuda engenharia elétrica e trabalha em uma empresa de telecomunicações. Faz festas aos sábados à noite, churrascos com amigos, bebe em casa vodca e cerveja Budweiser ou Corona. Diz que o pai é contra, por ser religioso. Rafaela comenta:

– Acredito em Deus. Em fazer o bem. Mas aqui a religião serve para controlar a sociedade.

Carinho entre homens e mulheres, beijo na boca em público e outras demonstrações de afeto ainda são práticas ocidentais.

– Você vai para a cadeia – diz Barakat. Rafaela minimiza:

– Você vai receber uma advertência. Um policial vai dizer: “Você não pode fazer isso aqui”.

Um dos integrantes da mesa admite que fuma maconha. Se for pego, são 15 anos de prisão. A confissão vem no momento em que Rafa recebe ao celular a mensagem do amigo: “Há três atentados em Bagdá hoje”. Ao sair do restaurante, escancara-se uma contradição. Enquanto a cidade lá fora arde, em um dia que contabilizaria 96 mortos, no parquinho de

diversões do shopping crianças brincam em um pulupula, sonham ser astronautas no comando de naves espaciais e descem em um escorregador inflável, às gargalhadas, até caírem em uma piscina de bolinhas.

VELÓRIOS A CÉU ABERTO

– A cabeça de uma mulher foi parar do outro lado da rua.

A frase é entremurmurada na manhã de **quinta-feira, 12 de maio**. Um homem faz um relato mórbido a um grupo de idosos enquanto eu passo pela frente do salão de beleza atingido pelo caminhão-bomba 24 horas antes.

Nas ruas bloqueadas por blocos de concreto, móveis e areia de Cidade Sadr, famílias velam seus mortos debaixo de um toldo, no meio da rua. Terroristas não poupam nem os mortos. Há risco de novos atentados, frequentes até em velórios.

– Todas as ruas estão fechadas, ou de um lado ou de outro – explica Ali, meu motorista.

No local da explosão de 11 de maio no mercado Areeba, a rotina de trabalhadores no vaivém com mercadorias e de mulheres vestindo abayas pretas com crianças à mão parece normal. É assim em uma cidade anestesiada pela violência. Menos de 24 horas depois de 66 pessoas morrerem aqui, a vida continua.

A porta de lata de uma barbearia atingida pela explosão foi arrancada. Na fachada, há flores, uma bandeira do Iraque e um cartaz com os rostos dos mortos. Um homem lava o chão interno, arrastando água suja com sangue para a calçada. Há moscas. Eram 10h quando a matança começou. Um caminhão transportando verduras tentou entrar no mercado. A polícia mandou o motorista recuar. O veículo ingressou por outra entrada. Então, o inofensivo caminhão de verduras virou uma máquina de morte. O Estado Islâmico reivindicou a autoria do ataque imediatamente e identificou o suicida como Abu Suleiman Al-Ansari.

Meu motorista teme pela segurança, tem pressa. Os iraquianos hoje estão mais desconfiados do que o habitual. Após explosões, é comum simpatizantes dos extremistas gravarem imagens da destruição e as enviarem a seus comandantes, como um presente mórbido, orgulho bestial do estrago produzido. Minha aparência ocidental, com uma câmera na mão, é indizível. Uso o smartphone. Mas levanto mais suspeitas. É assim que os terroristas fazem para registrar o feito de seu banquete de morte. Na internet, as imagens viram propaganda do EI para arregimentar jovens mundo afora.

Neste dia, Ali está mais atento do que de costume à movimentação. Há carros e motos na contramão. Motoristas não sinalizam: cruzam à frente do veículo, e os mais educados dão um grito de alerta. Crianças, homens e mulheres atravessam a rua em qualquer ponto. A sensação é de que os checkpoints, que fazem de Bagdá uma metrópole fatiada e entram no trânsito, são ineficientes. Terroristas explodem quando e onde querem. Ali baixa o vidro do carro, diminui o volume do rádio quando passa pelas barreiras. Dia desses, os guardas conseguiram evitar um atentado. Suspeitaram de um motorista e conseguiram evitar que ele acionasse os explosivos. O terrorista foi arrancado do carro por homens que, em luta corporal, levaram-no a um local desconhecido. Na caminharonete, foram encontrados explosivos e fios. Ali sabe que foi exceção. Por isso, tem uma ideia:

– Tinham de colocar raio-X em todos os checkpoints, nas entradas da cidade. Saímos dali para encontrar Sadeq no mercado Gueiara, a algumas quadras do local da explosão. Percebo que sou observado. Peço a Ali que faça as fotos com meu celular. Caminhamos rapidamente entre feirantes, mulheres de abaya preta, carros com mercadorias, carneiros que serão mortos dali a pouco, gaiolas com frangos vivos. Imagino que também esse mercado é um alvo em potencial. Multidão. Instintivamente, caminhamos rápido.

– O rapaz da mochila preta! – alguém grita. Chamo atenção de Ali, que vai à frente. Ele não para. Um grupo de homens vem atrás de nós. Ali para, mostra sua identidade iraquiana, explica que sou jornalista. Eu sorrio, tento ser simpático. Dois homens pedem desculpas, dizem que estão atentos porque, no dia anterior, o mesmo dos ataques coordenados em Bagdá, um homem foi pego no local tentando deixar uma sacola com explosivos. Sadeq confirma a informação. E diz que amigos como os que nos pararam servem de “olhos” da comunidade. Pessoas estranhas, como Ali e eu, são logo paradas e identificadas. Nem sempre funciona.

MUITO PRAZER, SADDAM HUSSEIN!

Saddam Hussein me recebe no início da tarde de **quinta-feira, 12 de maio**. Tem 34 anos, barba meticulosamente aparada, cabelos com gel penteados para trás e sorriso amigável. Veste jaleco branco e ajuda a salvar vidas como laboratorista do departamento de queimados do City Medical, um dos maiores complexos hospitalares do Iraque. Seu pai, Hussein Mohammed, era militar da força aérea. Ao saber do nascimento do menino, seu comandante, um general que morava em Tikrit, cidade natal do ex-presidente iraquiano, orientou:

– Tens de colocar o nome de Saddam, para melhorar a vida dele. É para o bem dele, e para você também ficar mais forte, mais próximo de Saddam.

O filho comenta a enrascada em que seu pai entrou: – Sabe quando chefe manda e você não tem como dizer não?

Hussein Mohammed obedeceu. Aos três anos, levou o filho a Tikrit.

– Todo mundo comemorou: “Saddam Hussein Júnior chegou!”. Pegavam-me no colo – conta o laboratorista.

No fundo, o pai queria outro nome: Sabbah. Por isso, Saddam adota Sabbah desde o colégio. Mas mantém o nome do ditador nos documentos – daria uma trabalhadeira alterá-los. Então, é Sabbah para os amigos e familiares. Mas Saddam na conta do banco, na correspondência e no crachá preso ao jaleco:

– Se puder, um dia ainda vou mudar em definitivo, como queria meu pai.

E o que ele pensa do homônimo famoso?

– Saddam era um homem forte, mas não era justo. Desejamos ter um homem forte como Saddam, porém que seja correto.

Hoje, segundo ele, há mais investimentos em saúde. O hospital recebeu novos equipamentos, com um aparelho de ressonância magnética, que está a caminho. Na manhã seguinte após o triplo atentado no Iraque, a maioria dos feridos foi levada a hospitais de emergências mais próximos de Cidade Sadr. Não estão no City Medical.

– Ontem, morreram mais de 80 pessoas, e hoje estamos trabalhando normalmente, porque nos acostumamos com isso. Os iraquianos prestam atenção, lamentam, apenas na primeira hora. Depois, tudo fica normal.

TERROR NÃO POUPA NEM O FUTEBOL

Quanto mais conheço Bagdá, mais vejo que o hotel Babylon reproduz uma vida artificial. Casamentos (é tradição nos países árabes casar em hotéis), músico ao piano, famílias fumando narguilé no jardim, pavões soltos no pátio interno, em volta da piscina.

Pensei nisso ao conhecer Wilson Andrade, paulista de Marília, 44 anos, massagista de clubes de futebol, na **segunda-feira, 9 de maio**.

No início de 2015, Wilson estava no quarto do hotel Uruk quando ouviu uma explosão. Foi até a frente do prédio, viu pessoas sangrando, outras em estado de choque. Resolveu ajudar.

– Tinha gente infartando, precisei fazer massagem cardíaca. Havia gente despedaçada – conta o brasileiro, conhecido como Tonello entre os amigos.

O carro-bomba explodiu na esquina do hotel. Para turbinar a matança, terroristas colocaram bolinhas de rolimã entre os explosivos. Quando a bomba é detonada, essas bolinhas se transformam em projéteis mortais que, em alta temperatura e velocidade, penetram nas vítimas que sobreviveram ao primeiro efeito da explosão.

Também no ano passado, em outro hotel, Tonello estava sentado em uma maca de massagem conversando com outros dois brasileiros.

– Veio a explosão. Estourou bem forte. Pulei para o chão, cheguei a machucar o joelho batendo na maca.

Ele e outros brasileiros trocaram de hotel. Três meses depois, outro carro-bomba explodiu por perto, a 200 metros. Mudaram de hotel de novo.

Tonello lembra-se do ataque ao Babylon: – Subimos até o terraço para ver a fumaça no Babylon. Enquanto olhávamos para o prédio, às nossas costas, um estouro em outro ponto da cidade.

Era o hotel Ishtar. Mesmo acostumado a essa rotina, certo dia Tonello entrou em uma loja para



comprar um celular e assustou-se: viu um homem com um colete à prova de balas. Pensou que fosse um colete-bomba.

– Minhas pernas congelaram. Saímos dali correndo – conta, hoje até rindo da situação.

O que Tonello testemunhou só agora revela para a mulher, Patrícia, 46 anos, com quem se casou há 14 anos. Os dois se chamam, carinhosamente, de Filho e Filha. Ela mudou-se para Bagdá no fim de 2015, para ficar perto do marido, que chegara em 2013 e trabalha no clube de futebol da primeira divisão iraquiana Al-Shorta.

– Não queria preocupá-la – diz Tonello.

Com medo de sair sozinha à rua, Patrícia restringe seus dias à suíte do hotel, onde o casal reúne móveis de casa às macas e equipamentos de Tonello.

– Sinto falta de sair, da liberdade. Mulher é muito privada. Não se vê mulher na rua. Não tem liberdade de conversar – desabafa.

Ela tem dificuldades para se adaptar à cultura iraquiana e à comida. No início, levou café, feijão brasileiros. Dificilmente, o casal sai para jantar. Patrícia prefere cozinhar no hotel.

– Em jogo de futebol, mulher não vai. Em restaurante, há a ala dos solteiros e a dos casados. Se beber, você vai preso. Diversão aqui é fumar narguilé e tomar suco. Certo dia eu estava pronta para ir ao shopping, e o rapaz da limpeza do hotel disse para o Tone: “Sair hoje não! Perigo!”. Eles transferem esse medo. Ficamos aprensivos e cancelamos a saída – diz Patrícia.



OS BRASILEIROS

Tonello (com a mulher, Patrícia) é massagista do time de futebol Al-Shorta. Ele tatuou nos braços seu apelido, em árabe, e uma declaração de amor, em inglês, à mulher, a quem chama de Filha

O casal procura se manter na linha.

– Eles olham porque a gente anda de mãos dadas – conta Tonello.

– Às vezes, eu me engano e dou um beijo nele.

Ficam todos olhando – sorri Patrícia.

Pela manhã, Tonello fica no hotel, à tarde vai ao treino da equipe e, à noite, volta para o Uruk, onde recebe jogadores para tratamento. Ele é responsável pela recuperação dos atletas de futebol, handebol, basquete, vôlei, boxe, atletismo e futsal do Al-Shorta, que significa Clube da Polícia (cada policial iraquiano sofre desconto no salário para ajudar o clube).

Jogadores da seleção iraquiana, que irá disputar a Olimpíada no Rio em agosto, procuram-no. Alguns cruzam o país, de cidades do sul, como Basra, e do Curdistão, no norte.

Os iraquianos costumam dizer que, em cada casa, alguém já perdeu um familiar em atentados ou em guerras. Nem o futebol é poupado. No tempo de Saddam, Udai, filho mais velho do ditador, fez fama como presidente da Federação Iraquiana de Futebol e chefe do comitê olímpico. Uma de suas “estratégias motivacionais” incluía a prisão de jogadores caso faltassem aos treinos. Quem perdia um pênalti em uma partida, por exemplo, tinha os pés machucados com espinhos. Em 1998, depois que o time não se classificou para a Copa da França, alguns atletas denunciaram prisões e torturas – tiveram que treinar com bolas de cimento.

Hoje, não há mais tortura. O problema são os atentados. Em março, um jovem torcedor explodiu a si mesmo durante uma partida em um pequeno estádio de Iskanderiyah, ao sul de Bagdá: 17 mortes. Em 13 de maio, durante minha estada em Bagdá, integrantes do EI com fuzis AK-47 abriram fogo contra torcedores do Real Madrid no café Al-Furat, em Balad, ao norte da capital: 16 mortos (em 28 de maio, um ataque ao fã-clube do Real em Baqouba deixou 12 mortos). Pergunto a Ahmed Mohammed, 22 anos, lateral-direito do Al-Shorta e da seleção olímpica, se o futebol, visto como pecado pelo EI, pode contribuir para construir um ambiente de paz.

– Só quando o Daesh for embora – ele responde. Dos 23 jogadores do Al-Shorta, três são

estrangeiros – um sírio, um tunisiano e um ugandense. O craque do time é o iraquiano Mahdi Kamel, um dos cinco atletas do clube que deverão enfrentar o Brasil na primeira fase da Olimpíada. Cada jogador recebe em média o equivalente a US\$ 300 mensais. Mas pode chegar a US\$ 500. O maior astro da história é Nashat Akram, ex-seleção iraquiana, hoje comentarista na MBC Pro.

– Em geral, o jogador iraquiano não se cuida. Fuma muito – confidencia Tonello, que já trabalhou no Corinthians e no Jeju United (Coreia do Sul).

Tonello e Patrícia moram perto da Praça Firdus, que visitei na **sexta-feira, 13 de maio**. A água acumulada, o lixo e o capim alto obscurecem a rotatória que, em 9 de abril de 2003, apareceu nas telas de TV com cenas históricas da estátua de Saddam sendo derrubada. Na sequência, iraquianos em celebração passaram a dar chineladas e sapatadas na cabeça do ditador. O toco de metal, que sustentava a estátua, resiste carcomido pela ferrugem, sobre a estrutura de concreto. Observo o abandono da praça quando recebo pelo WhatsApp a confirmação do exército: vamos tentar uma nova incursão a Ramadi.

UM GRITO COLETIVO DE RESISTÊNCIA

Ainda na **sexta-feira, 13 de maio**, passo pela Mesquita Hayder Khana rumo à rua Mutanabbi, batizada em homenagem ao lendário poeta iraquiano do século 10. A rua materializa um ditado árabe: “O Cairo escreve, Beirute imprime e Bagdá lê”. A frase é da época em que a capital egípcia era profícua produtora de escritores, o Líbano, um efervescente mercado editorial, e os iraquianos, leitores vorazes. Há muito, os bagdalis fazem os três. Mesmo nos obscuros anos de Saddam, autores banidos escreviam do exílio. A metrópole manteve vivo seu amor pelos livros na década de 1990, quando as sanções da ONU impunham o isolamento. Lançamentos mundiais eram xerocados e vendidos com desconto.

Com quase 200 metros de lojas e bancas, é o paraíso dos leitores. É manhã de sexta-feira, dia sagrado de orações, como o domingo nos países ocidentais. No final da manhã, em geral, os bagdalis estão nas mesquitas. Deixam os templos por volta das 14h, em multidões. É também dia tradicional de protestos. Incitadas por imãs, milhares de pessoas costumam se reunir na Praça Tahrir. Por ter mais gente nas ruas, é também dia habitual de atentados.

A feira da Mutanabbi contradiz esse contexto de morte. É impossível passar em linha reta pela rua, bloqueada por homens que amigavelmente se empurram para escolher livros novos e usados espalhados por bancas ou sobre tapetes no chão. Em uma cidade tão desfigurada pela violência, a Mutanabbi é um grito coletivo de resistência.

Saad Abdulkareem Abbas é um dos resistentes. Ele passa a manhã bebericando os infinitos istikans, pequenos copos de chá iraquianos, com amigos no pátio interno de um prédio, cuja área está coberta por uma imensa bandeira do Iraque.

– O ser humano aqui tem de acreditar. Porque ele não sabe se vai voltar pra casa. Quando sai, entrega nas mãos de Deus e vai trabalhar. Não podemos ficar presos em casa. Temos de sair para nos divertir, para trabalhar – afirma.

Otimista, Saad acha que a vida está melhor do que há quatro anos. Naqueles tempos, qualquer um poderia ser abordado na rua e interpelado: xiita ou sunita? Com base na resposta, grupos armados executavam pessoas a céu aberto.

– Hoje não se pergunta nada. Claro que tomamos cuidado para não irmos a Fallujah ou Ramadi. Mas aqui, se tivermos que tomar cuidado aqui, a vida acaba ficando muito chata – sorri.

O próprio espaço onde estamos é exemplo de um país que tenta se reerguer após uma das ditaduras mais cruéis do Oriente Médio. Enquanto conversamos, há outros jornalistas captando imagens da feira, como em qualquer “domingo” em uma grande capital europeia, americana ou brasileira.

– Agora, você está fazendo uma entrevista comigo. No passado, se você viesse falar comigo, desse jeito, eu fugiria. Não iria responder. A qualquer momento alguém poderia me pegar. E me matar – comenta.

Muito se falou que os americanos invadiram o Iraque em busca do petróleo que encharca o subsolo do país. Funcionário da refinaria de Daura bem antes da ocupação e das bravatas do governo Bush sobre as nunca encontradas armas de destruição em massa de Saddam, Saad afirma que os poços de petróleo iraquianos são antigos. Não foram melhorados, não foram construídos novos.

– Os poços servem apenas o suficiente para sobrevivermos. Se você vai a países vizinhos do Golfo, nos Emirados Árabes, no Kuwait, no Catar, foram construídas novas instalações. Fizeram grandes negociações para retirar mais petróleo do solo e para obter mais dinheiro. A gente, não. Nossos poços são antigos, muitos foram destruídos na guerra – avalia.

Do ponto de vista pessoal, melhorou. Na época de Saddam, na mesma refinaria, Saad recebia o equivalente a US\$ 2 por mês. Hoje, ganha US\$ 2 mil:

– A gente sabe que o Iraque tem muito dinheiro: petróleo, plantações, os dois rios (*Tigre e Eufrates*). Passando essa fase do Daesh, tenho certeza: vamos ser melhores do que outros países árabes. O Iraque

não tem só petróleo: tem turismo religioso, com lugares sagrados dos imãs Ali e Hussein. Se o país ficar estável, virão mais visitantes. Ai, vão pagar pela obtenção de visto, vão entrar com dinheiro, comprar.

É meio-dia, e a maior parte dos compradores já se dirigiu para casa ou se acomodou com um café ou chá no Shahbandar, onde escritores, artistas e intelectuais há muito passam as tardes baforando narguilés, discutindo política e futebol, jogando gamão. Um desses assíduos frequentadores é Hakeen Shaker, técnico que levou a seleção iraquiana a um histórico quarto lugar em 2013 na Copa do Mundo sub-20. É idolatrado por torcedores – logo fecha-se uma roda de conversa em torno de uma mesa de chá. Pergunto se ganhar do Brasil, em 7 de agosto, na Olimpíada é um sonho.

– O Brasil é o rei do mundo no futebol, mas nossa seleção disputou vários campeonatos para se classificar para o Rio. Faremos um jogo difícil – diz, para orgulho de quem o cerca.

Em 5 de março de 2007, perto do meio-dia, esse ambiente descontraído do Shahbandar foi manchado de sangue quando um carro-bomba despedaçou a rua Mutanabbi, matando pelo menos 30 pessoas e ferindo mais de 60. Entre os mortos, estavam os três filhos do proprietário do café, Mohammad Khish Ali, 75 anos. Com o tempo, ele restaurou a antiga glória do local. Fotografias históricas de Bagdá enfeitam as paredes: a coroação do rei Faiçal I, em 1921, que aconteceu a não mais de cem metros dali, fotos em sépia do Tigre. Não só o café, mas a rua foi reconstruída em 2008, um tributo à resiliência dos bagdalis.

EM RAMADI, A BANDEIRA DO ESTADO ISLÂMICO TREMULA A DOIS QUILOMETROS

Fica a 119 quilômetros de Bagdá um dos principais fronts do exército iraquiano contra o Estado Islâmico: Ramadi. É para lá que eu vou no **sábado, 14 de maio**.

Capital da província de Anbar, a cidade está controlada pelas tropas do governo. Sua retomada,

em dezembro, após oito meses de jugo pelos extremistas, é até agora o maior golpe contra o EI no Iraque. Há uma segurança relativa, alguns poucos civis nas ruas, carros, caminhões. Mas há confrontos diários nos arredores, e as posições no campo de batalha podem mudar a cada momento.

Ramadi está cercada. Para ir de Bagdá, só de helicóptero. As estradas estão apinhadas de minas terrestres. No caminho, há Fallujah, uma das cidades mais importantes do país, ainda sob o domínio do EI – e que nos últimos dias de maio tornou-se alvo de uma ofensiva do exército iraquiano, com apoio aéreo da coalizão liderada pelos EUA. O helicóptero em que viajamos precisa circundar Fallujah para fugir da ameaça constante de franco-atiradores.

Ao lado do general Yehya Rasoul Al-Zulbedy, chego a Ramadi em um helicóptero Mi-17IE, voando baixo por 45 minutos. A manobra de voar a 300 metros de altura deixa o equipamento fora da detecção de radares, dificulta a mira de um potencial atirador do solo e tem forte efeito psicológico no inimigo – o som estridente projeta força, o que, no jargão militar, os estrategistas chamam de “poder de dissuasão”. Em cada uma das duas portas do helicóptero, mantidas abertas, os atiradores munidos de metralhadoras perscrutam possíveis inimigos no solo. A tensão é total na aproximação do campus da Universidade de Anbar. Um dos atiradores faz sinal com os dedos indicador e médio, sobre os olhos, para que o colega ao lado, com a outra metralhadora, mantenha a atenção. Na aproximação, o Mi-17IE vira alvo fácil, lento como um elefante pronto para o abate.

Do alto, Ramadi, uma das maiores cidades iraquianas, onde viviam 200 mil habitantes, parece fantasma. Para que as tropas iraquianas avançassem por terra, aviões da coalizão liderada pelos EUA lançaram mais de 600 bombas. Mais de 3 mil edifícios foram destruídos, 400 rodovias e pontes foram devastadas. Não há vida aparente.

Ao aterrissarmos, sou levado para o blindado

Humvee 99. Olho para a direita, e uma caminhonete preta do exército tem os vidros traseiros cravejados de disparos de fuzil. A blindagem resistiu.

O campus da universidade, com prédios de dois andares, está abandonado. Uma pracinha tem gangorra e corregador quebrados. O teto e a lateral de folhas de zinco do ginásio da Faculdade de Educação Física foram entortados pela força de alguma explosão. Paredes dos prédios têm marcas de tiros de fuzil. Algumas, rombos de canhão. Todas as janelas guardam marcas de incêndio. Nenhuma tem vidro. A Universidade de Anbar, outrora um dos principais templos de conhecimento da região central do Iraque, foi palco de um dos principais combates da guerra contra o EI. Aqui, o grupo terrorista manteve sua base nos oito meses em que subjugou a cidade. O exército iraquiano arrancou Ramadi dos extremistas em dezembro e instalou na universidade seu quartel-general.

Oficiais se esforçam para mostrar que dominam a cidade. Apresentam munição apreendida do EI, cartuchos de morteiros, fios utilizados para confecção de carros-bomba e dezenas de galões com substâncias químicas colocadas em uma vala escavada no solo da universidade. Exibem como troféu uma bandeira do EI de cerca de dois metros de largura.

Em maio de 2015, 500 extremistas expulsaram os iraquianos, assumiram Ramadi e impuseram seu cotidiano de terror. A libertação, em dezembro, custou a destruição da cidade e algumas descobertas macabras. Em abril, o exército do Iraque encontrou no estádio de futebol dezenas de corpos mutilados de homens, mulheres e crianças. Refugiados disseram que o EI usou civis como escudos humanos. Alguns morreram de fome.

No centro da cidade, para onde poucos moradores começam a voltar, a maioria das casas está destruída. Alguns mercadinhos estão abertos. Com a camiseta da seleção argentina, o barbeiro Ahmed sorri, com um cigarro entre os dedos – algo que havia sido proibido pelos extremistas, que banem todos

os “vícios” dos “infieis”. Quando os terroristas chegaram, Ahmed fugiu com a família para Hadisha. Retornou porque acredita que, aos poucos, a vida irá voltar ao normal.

– Pelo menos tenho água e gás. Agora, as coisas estão começando a ficar boas – diz.

Ramadi nunca será como antes. Em outro mercado, o comerciante Mustafa apresenta poucos produtos à venda na prateleira: óleo de cozinha, chá, papel higiênico, ovos. Antes, caminhões de distribuidores evitavam a cidade. Agora, o mercado começa a ser abastecido. Do freezer, ele retira uma garrafa de Pepsi e me oferece. Ordena que o filho Ranush traga frutas aos visitantes. Fico constrangido: mesmo com tão pouco, eles mantêm a tradição de cortesia aos recém-chegados. A um oficial, ele pede: – Não temos eletricidade na maior parte do dia.

Nem água potável. Precisamos de um caminhão-pipa. Uma escola de 160 alunos, localizada no centro, foi reaberta em abril. Reparo que os alunos foram orientados para a visita. Estão faceiros e bem arrumados.

– Agora, está tudo ok. Sem Daesh – diz o militar que fazia as vezes de tradutor.

Alguns observam com curiosidade os militares. Ao fundo, a parede da sala de aula tem marcas de bala.

Viajo *embedded* (embutido, termo que ficou conhecido entre jornalistas durante a Guerra do Iraque) com as tropas, em um comboio superprotegido do exército iraquiano. À frente, há três militares à paisana na capota de uma caminhonete. Na sequência, vários Humvees, todos com metralhadoras 12.7mm DShK. No último carro, mais militares de forças especiais iraquianas. Não parece suficiente. Na batalha por Mossul, cidade do norte do país, os militantes do EI capturaram centenas de Humvees do exército iraquiano. Dois dias atrás, os terroristas romperam a linha de frente em Ramadi e mataram 17 soldados iraquianos com um caminhão-bomba perto daqui. Foi o maior ataque do tipo desde que

as forças do governo recapturaram a cidade, em dezembro. Eles também cercaram um regimento iraquiano, tomaram uma ponte e cortaram a rota de suprimentos entre Ramadi e Thirhar.

Longe do centro, o comboio segue em direção a Zagora, a 20 quilômetros da zona urbana. Há pontes bombardeadas, tanques incinerados e mais prédios destruídos. À medida que as tropas iraquianas avançaram, os terroristas do EI fugiram. Deixaram para trás terra arrasada. Explodiram prédios e plantaram minas pelo caminho. Áreas inteiras são consideradas zonas proibidas, porque precisam passar pelo rastreamento de armadilhas. Por isso, nossa visita é muito controlada. Não dou mais de 10 passos longe dos militares, e todo o deslocamento é feito em comboio. A retirada das minas pode levar décadas. Ramadi é hoje uma das cidades mais minadas do mundo. Em dois meses, 35 pessoas morreram fazendo o trabalho de retirada dos artefatos. Esse perigo é um dos principais obstáculos para o retorno dos moradores.

O comboio avança, e mergulhamos no coração sunita. Um militar iraquiano aponta:

– Daesh! Daesh!

Entre dunas de areia, do outro lado do rio Eufrates, a bandeira negra do Estado Islâmico surge à direita da janela do Humvee, a dois quilômetros de onde estamos. Gigante e aterrorizante. Ali estão os terroristas conhecidos pelas decapitações de reféns – com preferência por jornalistas. Desconforto. Não é medo exatamente. É uma sensação de vulnerabilidade: no meio do deserto, longe de casa, com a sua vida garantida por poucos militares iraquianos. Preocupa-me o fato de os extremistas estarem tão perto. Um novo ataque, como o de quinta-feira, não parece improvável no deserto. A cada 10 minutos, passamos por um checkpoint do exército. A bandeira iraquiana, a presença de soldados em postos com flores de plásticos coloridas em meio à aridez do terreno, quem diria, trazem alguma tranquilidade.



ASSISTA AGORA

Bastidores da vigem pelo Iraque: zhora.co/viagem-iraque



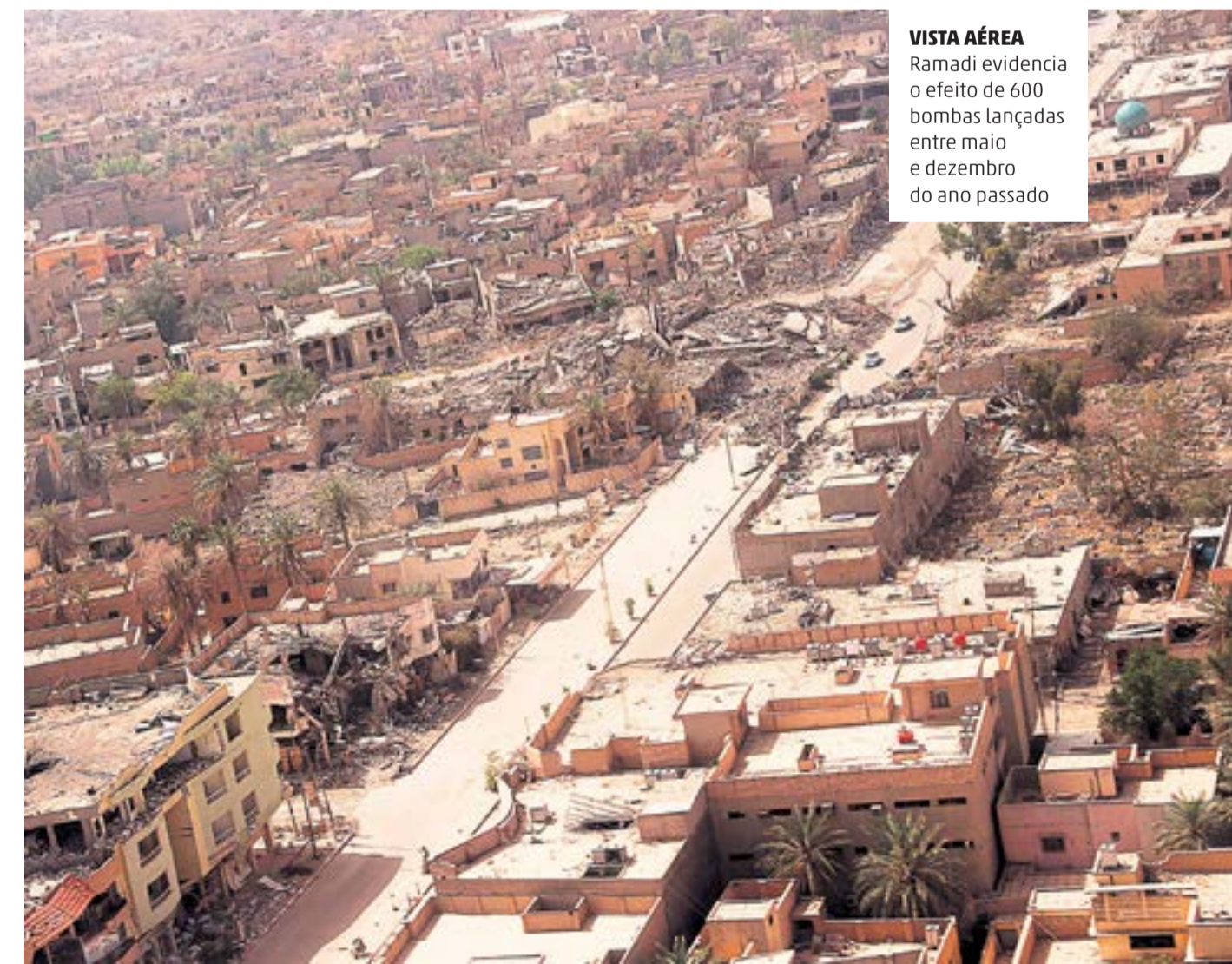
TRANSPORTE

Helicóptero Mi-17IE, que levou ZH em voo de 45 minutos de Bagdá a Ramadi



SEGURANÇA

Soldados precisam ficar atentos à presença de possíveis snipers do EI no solo



VISTA AÉREA

Ramadi evidencia o efeito de 600 bombas lançadas entre maio e dezembro do ano passado



ASSISTA AGORA
Uma incursão por Ramadi, cidade em ruínas: zhora.co/ramadi-video



RAMADI

A devastação no centro da cidade que virou campo de batalha entre o exército iraquiano e o Estado Islâmico



TESOUROS DE GUERRA

Munição apreendida, uma bandeira do EI e uma máscara antigás



MARCAS DA GUERRA

Blindagem da caminhonete militar evitou mortes. À direita, aula em escola de Ramadi



Chegamos a uma casa grande em Zagora, a 20 minutos do centro de Ramadi. Estamos mais perto do front.

– Não se preocupe. Você morre, eu morro com você – o general tenta fazer uma piada.

Oficiais explicam que, a 1,5 quilômetro dali, o rio Eufrates estabelece uma fronteira natural entre as posições das tropas iraquianas e os terroristas:

– Ali nossos homens ficam frente a frente com o Daesh, a 200 metros uns dos outros.

Os blindados estacionam em frente à residência, em posição de combate. A casa ampla, com um jardim bonito, onde uma família costumava sentar à noite para observar o céu, pertence a um xeque, Akram. Ele fugiu com os parentes diante do avanço do EI. Quando os iraquianos chegaram, ocuparam a casa. O coronel Mohammad Hassan, que faz as vezes de anfitrião, garante que os militares pediram autorização para “cuidar” do local até a pacificação. O xeque teria aceitado ceder sua residência.

Hassan é um sujeito engraçado, mantém um sorriso fanfarrão por trás de um bigode parecido com o que militares iraquianos usavam à época de Saddam. Fala um inglês imperfeito e está feliz com a visita de um jornalista brasileiro. Orgulha-se de mostrar sua cidade natal e lembra seus tempos de piloto da força aérea iraquiana – durante 17 anos, comandava caças MIG-23 da aviação de Saddam. É um veterano das guerras contra o Irã e do Golfo, quando o Iraque foi bombardeado após a ocupação do vizinho Kuwait.

– E em 2003, onde você estava? – questiono.
– Quando os americanos entraram no Iraque, todos os pilotos foram pra casa – diz.

A guerra estava perdida desde que o primeiro míssil Tomahawk penetrou em Bagdá, em 20 de março. Hassan desapareceu por algumas semanas. O exército de Saddam foi extinto – muitos militares migraram para o lado da insurgência, um dos ninhos que geraram o EI. Quando a situação se normalizou, o oficial se reapresentou. Dessa vez, aos americanos, que haviam assumido o governo provisório. Pediu para não ficar em Bagdá. Como muçulmano sunita, ex-oficial do regime deposto, ele temia ser morto por milícias xiitas. Hassan foi alocado em Ramadi. Hoje, luta contra o Estado Islâmico, enquanto as duas esposas – no Iraque, o homem pode ter até quatro mulheres – e seis filhos estão na capital:

– Pra mim, não importa o governo, se é Saddam, Malik (*Nouri al-Maliki, primeiro-ministro iraquiano entre 2006 e 2014*), o que importa é defender minha terra. Hoje, voltei.

A SINFONIA DOS BLACKHAWK

No meu retorno a Bagdá, aproveitei a folga do motorista Ali no **sábado, 14 de maio**, para caminhar sozinho pelos arredores do hotel Babylon. Sinto uma certa liberdade, depois de uma semana. Caminho com naturalidade por algumas avenidas. Mas minha tranquilidade dura pouco. A ditadura caiu, mas o país tem resquícios autoritários impregnados na cultura estatal, militar, policial e entre a população. Um exemplo: quando passa pelos checkpoints de Bagdá, Ali baixa o vidro do carro.

– É um sinal de respeito ao militar que está ali fora, passando calor, e a gente aqui, com ar-condicionado ligado – explica.

Apesar de o sábado ser um dia útil normal no Iraque, há menos gente na rua. Com isso, o infernal barulho das buzinas diminui. Um que outro motorista insiste em fazer ruído, mesmo que não haja ninguém pela frente. Avisto um prédio com as janelas destruídas por um atentado. Aponto a câmera, permito-me demorar um pouco para buscar o melhor ângulo. Passam-se dois minutos, e um homem grita do outro lado da rua:

– Hey, man!

Afasto-me em direção ao hotel, mas ele atravessa a Avenida Karada na minha direção. Baixo a câmera, e resolvo esperar para entender o motivo da reclamação.

– Brazili sahabi (*jornalista brasileiro*) – digo, no pouco árabe que aprendi nesses dias.

Ele quer saber por que estou fotografando. Sem ter como explicar sem a ajuda de Ali, mostro a carteira de jornalista. Ele olha desconfiado, segue falando e me “libera”. Decido voltar ao hotel e esperar por Ali. Ao contar o que acontecera, meu motorista é generoso com os conterrâneos:

– As pessoas estão com medo...

Para mim, parecia qualquer coisa. Menos medo. Outro dia, no poeirento centro de Bagdá, já havia experimentado a desconfiança dos iraquianos. A rua Rashid tinha tudo para ser um local turístico. É um dos grandes marcos modernos da metrópole, indo de Bab Al-Muadhham (Portão do Sultão), no norte da cidade, até a Bab Al Sharki (Portão Leste), no sul. Fica na margem oriental do Tigre, a 350 metros do rio em seu ponto mais ocidental. A antes graciosa rua colonada foi concebida, em 1916, para oferecer sombra no inflamado calor do verão iraquiano, hoje é sombria: fachadas velhas, emaranhado de fios de energia elétrica, marquises podres pouco lembram a era de ouro de Bagdá, de cafés e intelectuais a suas mesas. A história sangrenta de Bagdá está escrita ali, no centro da avenida. Um portão do antigo prédio do Ministério da Defesa lembra o local onde, em 1945, foi enforcado o coronel Salahadin Al-Sabbagh, líder do fracassado golpe de 1941 contra a monarquia.

A vingança não demorou. Durante a quartelada de 14 de julho de 1958, que fez ruir o governo iraquiano e acabou com a monarquia, o cadáver do príncipe herdeiro Abdullah – que sancionara pessoalmente a execução do coronel e agora havia sido morto junto a seu sobrinho de 23 anos, o rei Faiçal II, e o resto da família real – foi arrastado pela via, cortado em pedaços e pendurado no portão em frente.

Impregnado por essa história, saco o celular do bolso e começo a gravar. Imediatamente, um policial aproxima-se de nós em uma motocicleta.

– Apague o vídeo – ordena.

Por um instante, havia esquecido que o Iraque não é lugar para turismo. Infelizmente.

Minha última madrugada em Bagdá, **15 de maio, domingo**, tem como trilha sonora o barulho do rotor dos helicópteros Blackhawk americanos sobre o hotel Babylon. Sem luzes, para evitar serem alvejados da terra, eles sobrevoam, sorrateiros, a noite de lua clara. Ao olhar para o céu, vejo-os como imensos pássaros negros circundando a capital em uma série de decola-aterriça do outro lado do rio, na embaixada dos EUA. Por mais que a vida resista em Bagdá, o matraquear das máquinas americanas nos lembra que aqui ainda é – e continuará sendo por algum tempo – uma cidade de guerra.



BANDEIRAS
Homenagem aos mortos do atentado de 11 de maio em Cidade Sadr. Na foto à esquerda, a base aérea iraquiana em Bagdá



SÍMBOLOS
Na Praça Firdus, o pedestal da estátua de Saddam derrubada em 9 de abril de 2003. Na foto à direita, o Arco da Vitória, que usou como molde os punhos do ditador

